



Joaquim por João: Cardozo na poesia de Cabral, de Éverton Barbosa Correia

Eduardo da Silva de Freitas

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9771-9913>

E-mail: eduardosfreitas@gmail.com

Constitui instigante paradoxo o fato de que a poesia de João Cabral, já definida como a “poesia do menos”, por amputar do signo seu excesso de significado (SECCHIN, 1999, p. 15), dê ensejo e inúmeras lucubrações a seu respeito. Igualmente instigante é a circunstância de que, apesar do acúmulo de textos que orbitam a produção cabralina, ainda seja possível acrescentar alguma novidade ao repertório exegetico. É isso que mostra Éverton Barbosa Correia em *Joaquim por João: Cardozo na poesia de Cabral*, lançado em 2022, pela editora Ponteio.

Dividido em quatro capítulos, o livro agrega uma interpretação fundada na dinamização de instrumentos e ideias teórico-analíticas extraídos da crítica textual, da estilística e das biografias de ambos os poetas. No capítulo de abertura, expõe-se esse aparato, que consiste em submeter à crítica textual e à leitura estilística os poemas em que João Cabral se refere ou remete a Joaquim Cardozo, poeta-engenheiro e figura poética mais presente na produção cabralina. Esgrimando esse instrumental, Éverton Correia realiza um estudo anatômico dos poemas selecionados, estabelecendo associações entre forma e sentido.

A análise dos poemas tem lugar no segundo e no terceiro capítulos. O *corpus* é dividido em duas subséries: uma, daquelas composições dedicadas a Joaquim Cardozo; outra, das peças em que o nome Cardozo é aproveitado lexicalmente, com conotações que extrapolam sua natureza denominadora de origem. Integram o primeiro conjunto os poemas “A Joaquim Cardozo”, de *O engenheiro* (1945); “A luz em Joaquim Cardozo” e “Pergunta a Joaquim Cardozo”, de *Museu de tudo* (1975); “Joaquim Cardozo na Europa” e “Na morte de Joaquim Cardozo”, de *A escola das facas* (1980); e “Cenas da vida de Joaquim Cardozo”, de *Crime na calle relator* (1988). Do outro subgrupo, fazem parte o trecho “Dos Coelhos ao cais de Santa Rita”, de *O Rio* (1954); um conjunto das quadras de “Poemas da cabra”, de *Quaderna*, (1960); e o poema “Prosa da maré na Jaqueira”, de *A escola das facas* (1980).

Na interpretação do *corpus*, Éverton Correia adota o expediente de inverter a cronologia de publicação das composições, começando, portanto, pelo último poema em direção ao primeiro. O recurso enfatiza a importância do diálogo estabelecido por Cabral com Cardozo, pois a aná-



lise tem início com o poema que enfeixa o maior número de versos dedicados pelo diplomata a seu amigo engenheiro. Assim, palmilhando o caminho inverso, no sentido de “acompanhar o desenvolvimento da obra cabralina pelo diálogo com o poeta mais frequentado no interior de sua obra” (CORREIA, 2022, p. 31), as leituras avançam em retrocesso: ao mesmo tempo que se acumulam as interpretações, recua-se no tempo quanto à interlocução poética.

O segundo capítulo começa com um estudo do poema “Cenas da vida de Joaquim Cardozo”, expondo a conturbada existência editorial dessa composição e descrevendo seus elementos de estilo. Éverton Correia assume que se trata de um “poema cambiante”, pelas alterações sofridas de publicação em publicação, e concentra a análise no ritmo e vocabulário da composição, com o fito de ilustrar como, a essa altura da produção cabralina, Joaquim Cardozo aparece plenamente como “um complexo estilístico que se desdobra em múltiplos procedimentos literários” (CORREIA, 2022, p. 46).

Ao avançar sobre as composições de *A escola das facas* – “Joaquim Cardozo na Europa” e “Na morte de Joaquim Cardozo” –, isentas de transtornos editoriais, o autor dedica especial atenção à rima e à métrica do primeiro poema, articulando-as às componentes lexicais e temáticas, para propor que, no poema, Joaquim Cardozo, “mais do que figura autoral, recortada da realidade tal qual outro referente qualquer, converte-se em figura de linguagem” (CORREIA, 2022, p. 76). Quanto ao outro poema, percorrendo suas instâncias formais, Éverton demonstra a conversão, por João Cabral, de um fato relativo à vida de Cardozo em matéria poética: o processo judicial sofrido pelo engenheiro, em decorrência da queda do edifício Gameleira em 1971, transforma-se em objeto estético que veicula a dúvida, a hesitação e a impotência.

Chega-se às duas composições de *Museu de tudo*: “Pergunta a Joaquim Cardozo” e “A luz em Joaquim Cardozo”. Do primeiro poema, também associado ao episódio com o prédio da Gameleira, destaca-se sua estrutura enunciativa, constituída de duas perguntas, para ressaltar que não expressam propriamente curiosidade, mas desalento e desconfiança. Na abordagem do segundo poema, ocorre uma reaproximação das organizações estrófica e sonora, ligando-as ao vocábulo “luz”, com o fito de mostrar o interesse de Cabral pela ideia de luminosidade de Cardozo. A conclusão é a de que o poeta-engenheiro produz a “irradiação de uma luz que se espraia por toda a compreensão daquela poesia [a de João Cabral] que se fez ilustrada” (CORREIA, 2022, p. 109).

O capítulo se encerra com a abordagem do poema estampado em *O engenheiro*, peça inaugural do diálogo estético entre os dois poetas. O autor acompanha a trajetória editorial do poema e sugere um paralelo entre a mudança ocorrida, por intervenção de Cabral, no antepenúltimo verso – originalmente estampado “que sonhaste”, passando a “que praticaste” até se consolidar em “que calculaste” –, e as alterações “pelas quais passou sua poesia no plano das ideias” (CORREIA, 2022, p. 121), no sentido da busca de uma precisão cada vez maior.

No terceiro capítulo, a atenção recai sobre os usos lexicais dados por Cabral ao nome Cardozo. Sempre lembrando a circunstância editorial das publicações e seguindo a cronologia inversa, Éverton Correia esmiuça a semântica que envolve a palavra em cada ocorrência. A primeira da abordagem é a presente em “Prosas da maré na Jaqueira”, em que Cardozo figura como um adjetivo, qualificando uma maneira de fazer versos de que João Cabral não disporia. Nos “Poemas da cabra”, de *Quaderna*, o nome de Cardozo vincula-se à ideia de centralidade, dureza e força,

elementos caros à estética de Cabral. Por fim, em *O rio*, Cardozo confere sabor memorialístico à paisagem do Capibaribe na viagem poética descrita por Cabral.

Arrematando o livro, o capítulo final dobra-se novamente às questões editoriais colocadas na abertura. O aparecimento de poemas inéditos, dois dos quais com referência a Joaquim Cardozo, quando a editora Alfaguara publicou *Poesias completas*, em 2020, é motivo para se refletir ainda uma vez sobre a relação entre uma obra e seu autor. Considerando que a ocasião de publicação é alheia à vontade de Cabral – tendo em vida oportunidade de estampar os poemas, preferiu não o fazer –, Éverton Correia defende que se “a publicação desses poemas expande a lavra autoral, não tem o condão de alterar a imagem que o autor forjou para si perante o público leitor” (CORREIA, 2022, p. 167).

Feita a breve exposição do livro, é oportuno tecer algumas considerações, ainda que sumárias, a seu respeito, a fim de aquilatar sua contribuição. Nesse sentido, uma comparação com as interpretações de Benedito Nunes e Antônio Carlos Secchin pode ser proveitosa. Nos livros que dedicaram ao poeta pernambucano, tanto um quanto outro traçaram o percurso poético de Cabral em suas linhas gerais, desde seu início até o momento em que o tomavam como assunto. Dessa perspectiva, que promove certa ideia sobre o desenvolvimento artístico de Cabral com foco nos temas e ideias de força dos livros, constrói-se uma visão preciosa do conjunto. Assim, Benedito Nunes fala de uma “retração ascética do Eu lírico” (p. 138), “arborescência da imagem” (p. 142), “poesia de superfície” (p. 157), “vontade de petrificar” (NUNES, 1974, p. 169). De modo semelhante, Antônio Carlos Secchin, em seu já citado *João Cabral: a poesia do menos e outros ensaios cabralinos*, deslinda as características marcantes de cada livro: do mundo onírico, de *Pedra do sono*, ao momento em que “o ‘eu’ se confere um lugar explícito no corpo do poema”, em *A escola das facas* (SECCHIN, 1999, p. 272).

Até pelo valor das observações, esse tipo de abordagem extensiva desperta o desejo por uma leitura que se demore mais na exposição das relações entre a forma e o conteúdo. No entanto, a natureza abrangente desses estudos dificulta o aprofundamento da análise. Ao selecionar um número pequeno de poemas, Éverton Correia avança justamente no sentido de explorar a dimensão formal das composições e extrair os significados que carregam. O autor repercute o ponto de vista cabralino de que o poema é sobretudo uma construção linguística, erigida com cuidadoso trabalho sobre sua forma, e se volta para o ritmo, o som, o vocabulário, a morfologia, a sintaxe, a dicção e a disposição do poema na página, vinculando-os à dimensão conotativa de cada composição em si e em sua relação com a trajetória poética de Cabral pela metonímia da interlocução com Joaquim Cardozo. A concentração no estilo dá corpo à dimensão ideativa da poesia de Cabral e relembra a solidariedade entre forma e conteúdo.

A atenção ao outro poeta pernambucano é igualmente um ponto a se destacar do trabalho. Por sua índole refratária à publicação, Joaquim Cardozo ainda aguarda atenção maior da crítica e uma compreensão que insira sua obra no cenário da poesia brasileira do século 20. Mostrar a intensidade do diálogo da poesia de Cabral com a de Cardozo tem valia tanto porque aponta um novo flanco para compreensão da busca estética do poeta-diplomata quanto porque dá visibilidade à produção do poeta-engenheiro. A crítica, sempre muito pronta a associar Cabral e Drummond, pode ganhar em considerar os contatos da poesia cabralina

com a de Cardozo, no mínimo, porque ele, assim como o outro, foi um poeta para quem “a formulação poética só é perfeita quando passa pelo crivo da racionalidade” (HOUAISS, 1967, p. 95). O livro sugere que é um paradoxo a se evitar: o de deixar de lado um poeta a quem João Cabral dedicou tanta atenção.

REFERÊNCIAS

CORREIA, Éverton Barbosa. *Joaquim por João: Cardozo na poesia de Cabral*. Rio de Janeiro: Ponteio; Faperj, 2022.

HOUAISS, Antônio. *Seis poetas e um problema*. Rio de Janeiro: Imago, 1967.

NUNES, Benedito. *João Cabral de Melo Neto*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

SECCHIN, Antônio Carlos. *João Cabral: a poesia do menos e outros ensaios cabralinos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

